

A AGRICULTURA TRADICIONAL NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS: UM ESTUDO DE CASO¹

Romes dos Santos ROSA², Severina Alves de ALMEIDA³, Ana Cristina de ARAUJO⁴, Ana Aparecida MOURA⁵

² Licenciado em Educação do Campo. Professor e pesquisador. E-mail: romessantos7@gmail.com.

³ Orientadora da pesquisa. Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade); Mestre em Letras (Ensino de Língua e Literatura); Pedagoga; Professora Pesquisadora da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. E-mail: sissi@faculdefacit.edu.br.

⁴ Mestre em Linguística (Linguagem e Sociedade); Professora da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade da UnB de Planaltina. E-mail: criaraujo@hotmail.com.

⁵ Professora do Instituto Federal de Roraima. Doutora em Linguística (UnB). e-mail: ana.aparecida.moura@gmail.com.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar, compreender e registrar a resistência e quais são e como se disseminam os fatores sociais e econômicos que vêm atuando na modificação do modo de produção agrícola tradicional da comunidade Kalunga Vão de Almas, no município de Cavalcante, Goiás. Para que isso fosse possível realizamos uma pesquisa qualitativa a partir dos princípios do estudo de caso do tipo etnográfico. Nesse sentido tivemos a colaboração de seis pessoas da comunidade que prestaram seus depoimentos sobre o assunto em pauta. Teoricamente recorreremos aos estudos sobre Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Agricultura Tradicional, Soberania Alimentar, dentre outros temas relevantes para a elaboração do trabalho. Ao final constatamos que os camponeses de Vão de Almas estão diante de uma situação muito comum em outras comunidades tradicionais, que é o avanço do agronegócio e o crescente interesse das pessoas que buscam comprar seus mantimentos nos estabelecimentos comerciais, e assim estão expostos a ação dos aditivos químicos que são utilizados em larga escala. Portanto, o desafio que se apresenta é conseguir sensibilizar todos para que pratiquem a agricultura tradicional, familiar, produzindo uma alimentação orgânica.

Palavras Chave: Produção agrícola. Agricultura tradicional. Educação do Campo.

Abstract

This paper aims to identify, understand and record the resistance and what are and how to disseminate social and economic factors that have been working on modifying the traditional mode of agricultural production of Kalunga Vão de Almas community in the municipality of Cavalcante, Goiás. Make this possible we conducted a qualitative research based on the principles of the case study of ethnographic

¹ Artigo vinculado à Monografia bdm.unb.br/bitstream/10483/13160/1/2016_RomesdosSantosRosa.pdf, disponível: www.unb.br. Orientadora: Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi.

type. In this sense we had the collaboration of six people from the community who gave their testimonials on the subject at hand. Theoretically we turn to studies on Rural Education, Pedagogy of Alternation, Traditional Agriculture, Food Sovereignty, among other topics relevant to the preparation of work. At the end we find that the peasants of Vão de Almas are facing a very common situation in most other communities, which is the advance of agribusiness and the growing interest of people seeking to buy their groceries in shops, and so are exposed to action of chemical additives which are used on a large scale. Therefore, the challenge before us is to sensitize everyone to practice the traditional family farm, producing organic food.

Keywords: Agricultural production. Traditional agriculture. Rural Education.

INTRODUÇÃO

Para ser um intelectual orgânico da classe subalterna, não basta apenas vestir a camisa, mais sim honrar ela nas lutas por um país igualitário.

Romes dos Santos Rosa

Neste trabalho apresentamos um trabalho efetivado na Comunidade Kalunga Vão de Almas, originalmente formada por negros descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo na região da Chapada dos Veadeiros, no norte do estado de Goiás. Toda a área ocupada foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro, conforme Moura (2007).

O nosso objetivo foi estudar e compreender quais são e como se disseminam fatores sociais e econômicos que vêm atuando na modificação

do modo de produção agrícola tradicional da comunidade Kalunga Vão de Almas. Para que isso fosse possível realizamos uma pesquisa qualitativa a partir dos princípios do estudo de caso do tipo etnográfico.

Uma de nossas intenções com este estudo é promover a valorização dos saberes e fazeres relacionados ao modo de produção agrícola tradicional dentro da comunidade Kalunga Vão de Almas. As influências na cultura e nos meios de produção tradicionais em razão do crescente processo de territorialização do capital na região vêm se fazendo presentes nas escolas e nas práticas alimentares.

Buscamos, ainda, a partir desta pesquisa, contribuir para que a comunidade acadêmica tenha uma maior compreensão sobre o tema, que simboliza nossa liberdade, nossos saberes e modos de produção. Por ser morador da comunidade Vão de almas, venho percebendo que as pessoas estão deixando se levar pela lógica do capital, deixando de trabalhar com

o modo de produção tradicional, deixando de plantar seu próprio alimento para comprar na cidade (Cavalcante Goiás). A nosso ver, isso traz uma preocupação, pois um dia isso pode acabar tornando-se uma prática natural, isto é, a compra de alimentos na cidade.

1. Contexto da Pesquisa: Marcas no território localização e modo de vida no Vão de Almas

A comunidade Vão de Almas é um sítio histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico brasileiro. Está

localizada a aproximadamente 70 km da cidade de Cavalcante Goiás na Chapada dos Veadeiros, e é considerado um dos lugares mais bonitos e rico em cultura. A mesma é cercada por montanhas, morros e rios, onde o acesso a transporte terrestre se torna quase impossível. Sua vegetação de cerrado é um verde natural bastante preservado e banhado por cinco grandes rios que cortam a comunidade e inúmeros córregos. Os rios são denominados na comunidade como Paraná, Rio Branco, Capivara, Gameleira, Pedra Preta e Boa Vista. A foto a seguir apresenta o local.

Foto 1. Vista parcial do Território Vão de Almas⁶



A comunidade Kalunga Vão das Almas é originalmente formada por negros descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo na região da Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás. Toda a área que eles ocupavam foi reconhecida oficialmente em

1991 pelo governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico Kalunga.

Os primeiros africanos trazidos como escravos para o Brasil vinham da costa da África ocidental. Eram pessoas que aqui chegaram e ficaram

⁶ Fonte: Travessia Lança Roteiro Especial para Romaria Kalunga do Vão de Almas de 12 a 16 de agosto de 2011. Disponível: <https://www.google.com.br/search?q=vao+de+almas+cavalcante+goias>. Acesso: 21-jan-2016.

conhecidos como negros, guinés, congos cabinas, e muitos outros nomes, que geralmente designava o ponto de embarque de onde tinham vindo, e não o povo da civilização a que pertenciam. Hoje a comunidade é constituída por quatrocentos e vinte famílias, as quais são compostas por Kalunga que residem ali desde o processo de resistência à escravidão. Os membros da comunidade Vão de Almas são unidos por laços de parentesco, e foram verdadeiros núcleos familiares que dividem o mesmo terreno entre pai, irmãos, tios e avós.

Segundo Diegues (2001), o Brasil é considerado atualmente a mais rica savana do mundo em biodiversidade, que reúne uma grande variedade de paisagens e uma enorme quantidade de espécies de plantas e animais. O Brasil apresenta grande variedade de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser considerados “tradicionais”.

Atualmente cada família da comunidade Vão de almas tem seu pedaço de terra, provenientes de doação ou adquiridos por um antepassado comum. Mesmo não tendo um documento oficial reconhecido, um título de propriedade, as pessoas de uma família sabem que a terra é sua, porque seu pai e seu avô, e o pai de seu avô sempre viveram ali. O povo Kalunga vai se organizando para superar as dificuldades e sobreviver às condições impostas pelo sistema capitalista, e todos desejam ver seus filhos, netos e bisnetos estudando e tendo um futuro melhor do que o de seus antepassados.

Herdamos uma rica cultura e um modo de viver bem preservado sem haver desmatamento, a não ser em razão das roças, era tudo bonito: os rios tinham bastante água, não secavam

e tinham muitas nascentes e brejos, pois em qualquer estação do ano era possível pegar água potável com facilidade nos córregos que existiam próximos às suas casas.

Para nossos antepassados, a própria terra era o meio de onde se extraía a subsistência. Cultivavam o sistema de “roça de toco” (trabalho e plantação totalmente manual com os seguintes instrumentos: enxada, foice, machado e cutelo) para a plantação do arroz, milho, feijão, mandioca, abóbora, gergelim e outros. Além da agricultura, viviam também da pesca, caça e domesticação de alguns animais, tais como: criação bovina, caprina, suína e a avicultura para o próprio consumo. Construam suas moradias em locais perto dos rios, onde as terras eram mais férteis para melhor produtividade.

O comércio utilizado na época dos povos mais velhos era a troca de produtos produzidos na própria comunidade. Por exemplo: trocava-se carne por feijão, milho por arroz, sal por farinha, etc. Segundo seu Albertino, morador da comunidade, seus antepassados se deslocavam até a Bahia para comprar e trocar alguns produtos como sal e tecidos, antes mesmo que Cavalcante fosse uma região estruturada. Gastava-se, nessa época, trinta dias de viagem a cavalo. Desse modo fazem parte da tradição Kalunga: o trabalhar na roça, bordar, fiar, tecer, costurar, aprender a viver bem no mundo e respeitar as pessoas.

A comunidade Kalunga ainda mantém muito vivo seu modo de vida tradicional, suas crenças e religião, suas formas de falar, seus saberes e fazeres. Vivem basicamente da agricultura, porém já compram produtos que poderiam ser adquiridos na comunidades, como arroz, feijão, açúcar,

biscoitos, suco, refrigerante, verdura em geral, remédios de farmácia, etc. Além disso, caçam e pescam para complementar a alimentação. Na comunidade já existem escolas. Todos os professores são da comunidade ou têm algum vínculo com a mesma. Porém, aos poucos, essas raízes estão se perdendo, pois com a influência da indústria cultural e de outras religiões, os jovens acabam se distanciando da cultura local e se apropriando de outras culturas.

Atualmente, há grande influência capitalista do agronegócio na comunidade Vão de Almas, que chega primeiro nas escolas, vendo a escola como sua aliada a divulgar a sua imagem, vendendo ideias de que essa será a única solução para os povos brasileiros. Atualmente estou atuando na Escola Municipal Santo Antônio, onde todos os professores da escola e da comunidade foram convocados a participar do programa do Agrinho⁷, que surgiu no Paraná na intencionalidade de competir com quem produzia sua própria alimentação, a fim de ter uma vida de boa qualidade. Todavia o agronegócio vende a ideia que ele é a tecnologia que consegue programar com maior capacidade tecnológica na produção de alimento. Na condição de montar esse argumento ideológico vinculando ao agronegócio como o modelo mais moderno, e, portanto mais responsável de ser o produtor dos campos brasileiros e caracterizando a agricultura familiar como agricultura do atraso.

1.1. Associação dos Quilombos Kalunga

O Vão de almas faz parte da Associação Quilombo Kalunga (AKC), ministrada pelo presidente Vilmar Souza Costa, que é uma das ferramentas de lutas que temos como base para nos organizar e nos socializar com as demais comunidades Kalunga, pois ela atende os três municípios Cavalcante, Teresina e Monte Alegre. A AKC atende às necessidades da cidade e do município em geral, vinculada à Associação dos Educandos Povo Terra e Campo (EPOTECAMPO), com sede em Cavalcante-GO, fundada em 29 de julho de 2012, pensada pelo estudante da Licenciatura em Educação do Campo, Vilmar Souza Costa e grupos de jovens estudantes da Licenciatura em Educação do Campo LEdoC da Universidade de Brasília, Planaltina, para formar um comitê envolvendo as turmas 2, 3, 4, 5, 6, com o objetivo de promover debates envolvendo questões que atenda de forma bem ampla às necessidades dos território.

A EPOTECAMPO, que significa Povo Terra e Campo, é uma Associação que luta abrangendo campo e cidade, tendo como objetivo buscar melhorias para a educação, liberdade, direitos e deveres, fortalecimento das culturas, buscando apoio político para as demandas das comunidades, por meio de reuniões para debater sobre os assuntos em pauta, posterior encaminhamento para os órgãos competentes. Portanto, essas Associações lutam por um só objetivo, nos quais as lutas são realizadas coletivamente, envolvendo cidade e campo. Essa luta é fruto da batalha do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), que enfrentou lutou e hoje a Universidades

⁷ Agrinho é o maior programa de responsabilidade social do Sistema FAEP, resultado da parceria entre o SENAR-PR, FAEP, o governo do Estado do Paraná, mediante as Secretarias de Estado da Educação, da Justiça e da Cidadania, do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, da Agricultura e do Abastecimento, os municípios paranaense e diversas empresas e instituições públicas e privadas. Fonte: <http://www.agrinho.com.br/institucional>. Acesso: 21-jan-2016.

de Brasília Campus de Planaltina tem o curso Licenciatura em Educação do Campo, que busca fortalecer o Campo e reconhecer o homem como sujeito do Campo e construtores do seu próprio conhecimento.

1.2. Encontro de Jovens do Território da Cidadania da Chapada dos Veadeiros⁸

Em uma iniciativa inédita cerca de 400 jovens dos oito municípios que compõe o Território da Cidadania da Chapada dos Veadeiros, São João D'aliança, Alto Paraíso de Goiás, Colinas do Sul, Teresina de Goiás, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás, Campos Belos e Nova Roma, se reuniram nos dias 24 e 25 de maio de 2015, em Monte Alegre de Goiás para discutir políticas públicas que afetam suas vidas e seus projetos de futuro em seu território. O evento foi promovido pela Associação Educação Povo Terra e Campo (EPOTECAMPO) com apoio, na fase de elaboração, submissão e negociação do projeto junto a possíveis apoiadores, do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), por meio do Projeto Chapada dos Veadeiros.

O evento foi a primeira realização da Epotecampo que é beneficiária de um esforço de fortalecimento e desenvolvimento por parte do IEB em seu projeto. Participaram, além dos jovens que se mobilizaram em caravanas a partir dos oito municípios, lideranças regionais, tanto jovens como anciãos, que se uniram numa intensa troca de conhecimentos. Da população do território, 33% residem em ambientes rurais. A região possui 3.347 agricultores familiares,

1.412 famílias assentadas, seis comunidades Quilombolas e uma Terra Indígena, tudo isto no entorno da Unidade de Conservação Federal, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Os jovens se reuniram para discutir, sob a ótica das políticas públicas para a juventude, as dimensões de educação, saúde, gestão ambiental e territorial, etnia, gênero, entre outras. A partir de mesas de saberes motivadoras, formaram-se grupos de trabalho nas tardes de sábado e domingo para discutir temas específicos e elaborar formulações da percepção dos jovens sobre a situação atual e demandas futuras relacionadas a cada uma das dimensões⁹.

Como podemos perceber, a mobilização dos jovens Kalunga, dentre estes os que residem na Comunidade Vão de Almas e que em sua maioria são estudantes da LEdoC, é uma ação que rende muitos frutos. Além da conscientização de que o coletivo é fundamental para que alcancemos nossas metas sociais, as reivindicações permitem um empoderamento em relação aos direitos de cidadania que todos temos.

2. A AGRICULTURA TRADICIONAL FRENTE AO AGRONEGÓCIO: EM BUSCA DA SOBERANIA ALIMENTAR NA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS

Segundo Fernandes *et. alii* (2009), uma pesquisa realizada pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e pela Fundação Universidade de Brasília (FUBRA), no ano de 2004, atualizou informações sobre a manutenção da base econômica Kalunga, que já havia sido descrita por Baiocchi (1999). Esses dados apontam

⁸ Fonte: <http://www.ieb.org.br/index.php/notcias/jovens-discutem-politicas-publicas>. Acesso: 21-jan-2016.

⁹ Fonte: <http://www.ieb.org.br/index.php/notcias/jovens-discutem-politicas-publicas>. Acesso: 21-jan-2016.

que 73% das famílias ainda obtém parte dos seus recursos das roças, uma vez que a comunidade tem como característica fundamental a agricultura de subsistência, a criação de bovinos, suínos e aves, o extrativismo de frutos do cerrado, e o cultivo de frutas e verduras nas hortas e pomares. O modo de produção predominante é o de subsistência, baseado na agricultura em pequenas áreas, sem a utilização de maquinário ou de insumos químicos.

Assim como outras populações tradicionais brasileiras, os Kalunga se utilizam de áreas com terras mais férteis, muitas vezes próximas a cursos d'água, para produzirem alimentos básicos para seus sistemas alimentares. Esse tipo de solo, chamado por eles de "terra de cultura" varia de localidade para localidade, contudo as áreas próprias para cultivo não ultrapassam mais que 35% do seu território (BAIOCCHI, 1996). Além disso, o relevo extremamente acidentado, escolhido outrora como refúgio, torna a logística agrícola uma atividade elaborada, que envolve também a localização das moradias e a forma de transporte dos produtos (FERNANDES *et.alii*, (2009)).

Todavia, um componente importante que atua na contramão da prática da agricultura tradicional no território da Comunidade Vã de Almas, é o agronegócio. Segundo Campos *apud* Fernandes (2005, p. 1), o agronegócio é o novo nome de um velho fenômeno, "é uma palavra nova, da década de 1990, e é também uma construção ideológica para tentar mudar a imagem latifundista da agricultura".

Contudo, o autor acredita que a partir de uma análise mais cuidadosa é possível perceber que o agronegócio é muito mais do que um novo apelido para o velho sistema "*plantation*"¹⁰, considerado uma nova forma de territorialização do capital no campo, forjada num contexto de políticas neoliberais e de intensificação do processo de concentração e centralização do capital em múltiplas escalas, especialmente mundial.

Segundo Fernandes (2005, p. 1) a territorialização do capital no campo se materializa a partir de uma integração de capitais que vai construindo cadeias produtivas, que abrangem as esferas da produção e circulação dos produtos agropecuários. Isso significa domínio de mercado de insumos (sementes, herbicidas); das técnicas e tecnologias de produção (desde máquinas e implementos agrícolas, até pesquisas científicas em áreas como genética e biotecnologia, entre outras); dos sistemas de financiamento; das indústrias de beneficiamento; dos sistemas de transportes; das redes de comercialização.

De acordo com Carvalho e Stedile (2012, p. 718), a padronização dos alimentos pelas empresas transnacionais afeta diretamente os hábitos alimentares e as práticas domésticas tradicionais da populações de proverem seus próprios alimentos. Para esses autores, a padronização dos alimentos pelas empresas transnacionais afeta diretamente os hábitos alimentares e as práticas domésticas tradicionais da populações de proverem seus próprios alimentos com base nos biomas onde vivem e na sua cultura alimentar

¹⁰ O *plantation* foi um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX principalmente nas colônias europeias da América, tanto a portuguesa quanto em alguns locais das colônias espanholas e também nas colônias inglesas britânicas. Ele consiste em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravo e exportação para a metrópole.
Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/plantation.htm>Acesso: 21-jan-2015.

centenária, afetando a soberania alimentas das populações do campo.

O conceito Soberania alimentar surge no século XX, na década de 1990, com as lutas dos movimentos sociais do campo que discordavam das ideias das políticas agrícolas neoliberais impostas aos governos do mundo inteiro através de organismos internacionais como Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Banco Mundial (BIRD). A soberania alimentar está diretamente ligada ao direito que as pessoas têm a uma alimentação adequada, saudável, que respeite a biodiversidade e as práticas de produção nacionais, regionais e locais, conforme Stedile e Carvalho (2012).

Nesse sentido,

O direito à alimentação é um direito de todos os seres humanos, independentemente da condição social, cor da pele, etnia, moradia, crença religiosa, gênero ou idade. No entanto, na atual fase do capitalismo globalizado, esse direito fundamental para a sobrevivência dos seres humanos vem sendo sistematicamente violado como resultado do controle que as grandes empresas transnacionais têm sobre o mercado de alimentos, subordinando o acesso a ele às condições do lucro e da acumulação. Portanto, as pessoas só podem ter acesso aos alimentos quando têm dinheiro e renda para comprá-los. Como praticamente em todas as sociedades, e mais gravemente nos países do hemisfério sul, há elevada concentração da renda, as populações pobres, majoritárias, que vivem nesses países sofrem as conseqüências da falta de acessos aos alimentos (STEDILE E CARVALHO, 2012, p. 716).

Soberania alimentar é um princípio e uma ética de vida voltada para as classes trabalhadoras, que requer o planejamento e a implementação de políticas públicas capazes de garantir uma alimentação adequada e saudável, além de

formas justas e sustentáveis de produção, que respeitem a biodiversidade, os saberes e práticas tradicionais de produção e manejo, além das culturas alimentares locais.

Em relação a assistência que a Comunidade Kalunga do Vão de Almas vem recebendo do Governo Federal e também Organizações não Governamentais (ONGs), percebemos que precisa haver um cuidado em sua implementação, pois os benefícios dados não podem interferir na nossa forma de vida. Para Carvalho e Stedile (2012, p.718), a padronização dos alimentos pelas empresas transnacionais afeta diretamente os hábitos alimentares e as práticas domésticas tradicionais das populações de proverem seus próprios alimentos com base nos biomas onde vivem e na sua cultura alimentarem centenária cultura.

Atualmente são doadas Cestas Básicas, Renda Cidadã e Bolsa Família, o excesso de benefícios prontos e acabados, estão provocando mudanças severas na nossa rotina. Muitas pessoas da comunidade deixaram de cultivar sementes crioulas saudáveis e passaram a consumir produtos industrializados. Desse modo, a nossa cultura está sendo enfraquecida. Esses benefícios poderiam estar vindos de outra forma, como por exemplo, o fortalecimento da agricultura familiar, onde as famílias Kalunga produzirão alimentos orgânicos e saudáveis e venderão na cidade. Assim nós mesmos produziríamos nosso sustento e manteríamos a nossa cultura viva.

3. FATORES SOCIAIS E ECONÔMICOS ATUANTES NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA TRADICIONAL

Para discutirmos os Fatores Sociais e Econômicos

que interferem na produção de uma agricultura tradicional, é importante entender o que isso significa.

Tradicionalmente, os economistas, e particularmente desde Jean Baptiste Say (Lyon, 5 de janeiro de 1767 - Paris, 15 de novembro de 1832), os fatores de produção têm sido apontados em todo o processo produtivo como sendo: a terra (terras cultiváveis, floresta, minas), trabalho (o homem) e o Capital (máquinas, equipamentos, instalações, matéria-prima)¹¹

Segundo Sandroni (1999), deve-se incluir também, no conceito econômico de terra, não apenas o solo, o que é arável, mas todos os fatores naturais de produção. Assim, para além do solo, incluem-se o subsolo, a capacidade energética, os cursos de água, do vento, da luz solar, etc. Por esta razão, alguns autores preferem referir-se aos fatores naturais de produção, abrangendo nesta noção a terra, o solo e também outras forças naturais¹².

Para Martínéz (1998), os fatores naturais estão ligados aos fatores sociais e econômicos. Isso porque o homem tem de empregar trabalho, com maior ou menor esforço, para aproveitamento dos fatores naturais, ou seja, é necessário revolver a terra, semeando, plantando, fertilizando, colhendo, e também caçando, pescando, domesticando animais, etc. Deste modo, o trabalho insere-se entre os fatores produtivos.

Já os fatores econômicos, de uma forma geral,

incluem o crescimento econômico, taxas de câmbio e a taxa de inflação. Estes fatores têm fortes impactos na forma como as empresas operam e tomam decisões. Por exemplo, as taxas de juro afetam o custo do capital de uma empresa e, portanto, até que ponto esta cresce e se expande. As taxas de câmbio afetam os custos de exportação de bens, assim como a procura e preço dos bens importados numa economia¹³.

Os fatores sociais são consideração modelos de comportamento, gostos e estilos de vida. Muito associado a isto poderão estar mudanças no comportamento do consumidor decorrentes de modas ou estilos temporários. Incluem os aspetos culturais e a preocupação com a saúde, a taxa de crescimento populacional, a distribuição etária, tendências profissionais e ênfase na segurança. Fatores sociais afetam a procura pelos produtos de uma empresa e o modo como esta opera. Por exemplo, o envelhecimento de uma população pode implicar uma força de trabalho menor e menos motivada e, assim, aumentando o custo da mão-de-obra. Os valores sociais e culturais da sociedade também devem ser avaliados. No entanto, e dada a mobilidade de pessoas com diferentes costumes, esta avaliação é cada vez mais difícil, tornando-se difícil prever o comportamento direto das pessoas¹⁴.

Nesse sentido, dentre os fatores econômicos que e interferem na produção de uma agricultura tradicional identificamos o agronegócio, que por sua essência neoliberal, visa somente ao

¹¹ Sandroni, Paulo, Novíssimo Dicionário de Economia, Editora Best Seller, 1999, "Fatores de produção", p. 235. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

¹² Martínéz, Soares, Economia Política, 8ª ed., Coimbra: Almedina, 1998, pp. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

¹³ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

¹⁴ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

lucro, desconsiderando as comunidades do campo. Aliado a isso temos o desmatamento, as construções de hidrelétricas, e a poluição de rios e córregos, ações promovidas por indústrias que se instalam nas áreas rurais. Por serem produzidas em larga escala, assim como o agronegócio, os produtos industrializados precisam ser consumidos, e o povo campestre é um público muito visado. Então, eles deixam de produzir alimentos, e passam a comprar o que é oferecido pelo mercado.

Dentre os fatores sociais, destacamos o apelo comercial que chega por pelos meios de comunicação de massa, por exemplo, a televisão, que chega às casas das famílias em todo lugar do País, inclusive nas comunidades tradicionais, como os Kalunga Vão de Almas. Essa é uma ação que atua diretamente no comportamento das pessoas, que acreditam em tudo que a televisão mostra, independentemente dos danos que possam causar, com destaque para os alimentos industrializados, pois fica muito mais fácil comprar do que plantar e colher.

4. EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do Campo, segundo Caldart (2012, p. 259), é um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que tem como objetivo incidir sobre a política de educação, a partir dos interesses sociais das comunidades camponesas. Nesse sentido, as metas determinadas pela luta e os sujeitos que as protagonizam, remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento

e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Não obstante, Caldart (2012, p. 260), considera que o conceito de Educação do Campo encontra-se ainda em discussão, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu, uma vez que pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, ou mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações. Como análise, é também a compreensão de uma realidade por vir, a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mas indicadas por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação, conclui a autora.

Paras Molina (2014)¹⁵, a Educação do Campo é muito mais do que uma proposta pedagógica. Ela está associada à visão de campo, de desenvolvimento e da função do meio rural na sociedade brasileira. O objetivo não é simplesmente fixar as pessoas onde elas estão, pois um dos princípios é garantir a elas o direito de acesso ao conhecimento sobre o local onde vivem, que garante sua sobrevivência social e material, além dos saberes universais, para que decidam se querem ficar ali ou, caso contrário, tenham condições de viver na cidade.

4.1. A Educação do Campo e a Universidade

¹⁵ Fala, Mestre! Palavra de quem entende de Educação. Entrevista com Mônica Molina, especialista em Educação do campo. Disponível: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/entrevista-monica-molina-especialista-educacao-campo>. Acesso: 22-jan-2015.

Para que tenhamos uma Educação do Campo que reflita os anseios e as aspirações do Homem do Campo, é necessário uma formação adequada para os professores que irão atuar nessa realidade. Desse modo é importante refletir sobre o papel das Universidades e os cursos que oferecem.

Segundo Molina (2014), as licenciaturas em Educação do Campo são uma medida para acabar com impasses na formação de professores para as Escolas do Campo. Para essa autora, e tem como prioridade formar quem já atua nas escolas rurais, e atualmente no Brasil há mais de 60 universidades que têm um trabalho bastante rico, profundo e comprometido com a temática. A autora destaca o Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB, afirmando que “Muitos alunos desses cursos na UnB lecionam em escolas do campo no Distrito Federal, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. Atualmente, também temos estudantes Kalunga” (MOLINA, 2014, s/d).

No que se refere ao modo de construção da Educação do Campo dentro da Universidade, destacamos o modo como os conflitos ocorrem, sempre resultantes da base capitalista da sociedade e que se reproduzem nas trajetórias político-administrativas de implantação dos cursos, na forma de organização do trabalho pedagógico dos cursos e na produção de conhecimento. No sentido de instrumentalizar a luta de classes no interior da prática acadêmica e articular questões sobre a educação superior e a formulação de Políticas Públicas, é necessário que se discuta, também, a necessidade de aprofundamento teórico, que contribua para a

compreensão das lógicas que definem os modelos de desenvolvimento em disputa no campo e as possibilidades de construção de projetos transformadores (MICHELLOTTI, *ET ALII*, 2010)¹⁶.

Nesse sentido, e ainda de acordo com esses autores, deve-se incluir nessa pauta a discussão sobre o impacto do agronegócio no campo e na organização da classe trabalhadora e sobre o papel da Educação do Campo na formação de sujeitos capazes de formular um projeto de desenvolvimento contra hegemônico. Sendo assim, o ajustar esse debate na academia, nossa intencionalidade deverá ser a de explicitar o espaço teórico e político-ideológico de onde estamos falando e as utopias que delineiam o horizonte do movimento da Educação do Campo.

4.2. A Licenciatura em Educação do Campo LEdoC UnB/FUP

A Faculdade da UnB de Planaltina (FUP), oferece uma Licenciatura em Educação do Campo, aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com sua 1ª turma iniciada em 2007 e a 2ª turma iniciada em 2008, e a 9ª turma já com o processo de seleção/vestibular finalizado e início previsto para o ano de 2016.

O Curso tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O objetivo é formar e habilitar profissionais na Educação Fundamental e Média, que ainda não possuam a titulação mínima

¹⁶ Fernando Michellotti, José Bittencourt da Silva, Nelia da Silva Reis, Orlando Nobre Bezerra de Souza, Salomão Mufarrej Hage, Romier Paixão de Souza, Leonilde Sérvulo de Medeiros. In: Mônica Molina (2010).

exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno (PPP LEdoC, 2008).

Simultaneamente, o curso pretende contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência prática para políticas e pedagogias de Educação do Campo. Dessa forma, insere-se num esforço de afirmação da Educação do Campo como política pública, em um processo de construção de um sistema público de educação para as escolas do campo. A matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias (PPP LEdoC, 2008).

A LEdoC da UnB/FUP se desenvolve pelo modelo da Pedagogia da Alternância, quando os estudantes ficam um determinado tempo na universidade e outro equivalente no campo. Queiroz (2004), a Pedagogia da Alternância tem sua incidência como as Escolas Familiares Rurais (EFAS), na França, e percebe alguns desafios dessa modalidade pedagógica, tais como a formação dos monitores, e a pouca habilidade em se apropriar e utilizar os instrumentos pedagógicos, uma vez que o projeto profissional realizado pelos estudantes, nem sempre consegue construir e implementar

em tempo hábil as atividades propostas.

Segundo Queiroz e Silva (2008) uma das características da Pedagogia da Alternância são os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) que foram criados, no Brasil, no final dos anos 1960, na região do sudeste brasileiro, com a denominação de Escolas Família Agrícola. Posteriormente, nos anos 1980, na região do nordeste brasileiro, foram criadas as Casas Familiares Rurais. Em 2008 existiam, em nossa sociedade, a presença de sete diferentes Centros de Formação por Alternância que, no conjunto, somam mais de 250 experiências educativas no território nacional.

Esses autores sustentam ainda que na pedagogia da alternância, o princípio fundamental e norteador de seus projetos educativos implica em um processo de formação do jovem agricultor que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar. Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária. A ênfase está, então, na formação integral do jovem, na participação das famílias na condução do projeto educativo e na gestão da escola, assim como a perspectiva de desenvolvimento local são os outros princípios que, articulados à alternância, sustentam o projeto pedagógico dos Centros de Formação por alternância.

Além de sua metodologia pautada na Pedagogia da Alternância, onde os estudantes têm um alojamento onde se hospedam durante o Tempo Universidade (TU), a LEdoC da UnB conta com uma Ciranda, que atende às mães que têm

filhos pequenos, e também um Restaurante Universitário, que oferece café da manhã, almoço e janta, onde os estudantes não precisam pagar. Estes, contam também com bolsas de auxílio, demanda social do Governo Federal, que serve para custear despesas básicas durante o curso.

5. RESULTADO E DISCUSSÃO

Apresentamos a seguir o resultado da pesquisa na Comunidade Kalunga Vão de Almas, buscando conhecer o modo de produção agrícola e compreender as influências do processo de

territorialização do Capital no cotidiano das pessoas que resistem ao agronegócio e continuam plantando suas roças. Nesse sentido, colhemos o depoimento de cinco pessoas da Comunidade, três homens e duas mulheres. O intuito foi identificar entender como esses camponeses lidam com a plantação e suas roças, e como se percebem em meio à modernidade, principalmente em relação ao agronegócio. Os participantes concordaram para que seus nomes fossem publicados.

5.1. Relato dos participantes da pesquisa

Excerto 1: Seu Faustino

Meu nome é Faustino dos Santos Rosa, tenho 67 anos completando dezenove de dezembro. Eu lido com a roça desde 12 anos de idade já eu estava lidando já cresci lidando com a roça, ainda planto milho, mandioca, abóbora, quiabo e feijão de corda. Não estou plantando mais feijão de batedouro de colhedeira por que as forças não estão dando mais de cultivar as terras de culturas, e o arroz também não estou dando conta de plantar.

A gente começa a lavoura, começa primeira a roçada, depois vem a derruba, depois queima a roça, aqui a gente tem que queimar a roça pra diminuir o garrancho para encoivarar para poder plantar.

Para o plantio o preparo da terra é cultivado com a enxada, capinado com a enxada e plantado com a enxada, que no meu tempo era a enxada, hoje já usa plantadeira, mas no meu tempo era plantado com enxada, limpado a roça com enxada, e plantado o arroz com enxada. Esse processo aconteceu o seguinte por que a chuva diminuiu muito então, os povos tiveram muitas percas com as roças, quando tem perca com as rocinhas que a gente planta mesmo nas roças, a gente tem de ir para cidade para comprar as coisas na cidade, que antigamente a gente colhia tudo nas roças, agora estamos comprando na cidade por falta da chuva que estão perdendo as roças.

A gente começa plantar o milho, em outubro, e o arroz em novembro, a adubação é a folhagem que limpa e ficam a folhagem na terra, que serve de adubos mesmos as folhas queimadas. A roça tem a ver pelo seguinte por que a gente precisa da educação e também precisa da lavoura, precisa da plantação, por que a gente tem de estudar tem de ter o estudo, mas tem de ter o plantio também por que sem a plantação ninguém não tem força nem pra estudar.

A gente pensa até que a queimada atrasa, mas a desmatção atrasa mais por que a desmatção além de rançar os paus e depois com a gradiação acaba de piorar, e a derruba queima a planta, a terra, mas a planta a gente planta um ano ou dois se for possível larga a roça e o mato sai de novo não fica prejudicado igual à gradiação. Pra voltar o mato, de acordo o mato for um mato, de cultura ai a base de 10 ou 12 anos já tá de derrubar de novo, se for um mato meio carrasco, vai quase uns 15 anos pra poder dar de derrubar por que ele atrasa muito nasce muita muniça, até então os matos forrarem a gramarem de folhagem pra matar as muniças demora.

Colhia tudo natural por que antigamente a gente colhia de tudo aqui na roça, não precisava comprar nada na cidade colhia tudo só produto natural. Agora há pouco tempo pra cá, a chuva diminuiu muito que o povo não tão colhendo mais as roças, é que tá dando pra comprar na cidade que já compra tudo envenenado por que de pouco tempo pra cá nas compra da cidade é com certeza que já não come mais natural a gente vendia de tudo na cidade que a gente conduzia dava para a despesa e ainda vender algumas coisas natural na cidade, mas com a diminuição da chuva a gente já tá passando pra comprar coisas na cidade.

A gente pra comprar o sal era o seguinte, gente saia daqui, vendia couro de vaca ou levava feijão pra vender, ou arroz limpo socado de pilão tanto faz pra comprar o sal, ou seja, farinha a gente vendia pra comprar o sal, café e o tecido fino pano fino por que a gente vestia aqui das roças só o pano de algodão tecido. Ca mesmo na roça, roupa feita das roças mesmos a gente comprava na cidade só o fino, café e o sal. Aqui dentro troca de arroz com farinha as vezes algumas pessoas trabalhava comprando farinha ou arroz, algumas pessoas mas troca de um por outro era mais difícil tocar por que quase todo mundo tinha.

Excerto 2: Dona Dainda

Dona Natalina Dos Santos Rosa (DAINDA), tem 67 anos nascida, no Vão do Moleque, aos 10 anos mudou para o vão de Almas com sua família. Dona Natalina relata assim:

O que eu conheço da roça ainda continua sendo assim, mas mudou algumas coisa, porque naquele tempo era plantado tudo na enxada plantava de enxada limpava de enxada, até a maneira de cerca hoje é diferente, antes era cercada de madeira e agora fechada de arame, mas eu acho que mudou também é que a chuva diminuiu muito.

Eu me conheci nem se falo a minha mãe limpando arroz, feijão, gordura de porco colocando no cargueiro para ir vender em arraias e hoje estamos comprando é da cidade. Até mesmo o sabão que era feito do tingui, pequi e dicuada, era levado para vender em barreira. O arroz até chegar o ponto de comida era levado no pilão para piza, ou seja, socado, hoje os que ainda planta mé limpado na máquina.

Naquela época não existia batedor não, o arroz era apanhado de cachinho, cacho por cacho. Hoje para comer temos que trazer da cidade como: arroz, feijão, milho, o tempero, óleo, açúcar, café, o corante etc. Ainda o que ainda permanece presente no plantio é o arroz, milho, gengerlin e a mandioca, batata, quiabo, jiló, abóbora, feijão e outros que esqueço no momento.

Mais como era hoje não é mais porque naquela época era vários tipos de feijão como: feijão verde, feijão de lastro, feijão carioca, feijão roxinho, a fava hoje já está bem pouca porque as pessoas não está mais plantando. O algodão também não existe mais como antigamente, naquele quem não tinha iam colher mais quem tinha, colhia era sacas e sacas na meia às vezes colhiam 10, 12 sacas de algodão e hoje não tem mais.

Já o processo de produção primeiro agente vai faz a roçada de foice, derruba aqueles paus mais grosso de machado bem cortadinho, aí depois é que vai o processo de queimar aquela roça. Depois de queimar aquele mato que já foi derrubado, aí começa retirar os garranchos e fazer as coivaras, coviam e jogar aqueles paus para fora para cercar ou fazer lenha daqueles mais finos. Depois que começa limpar de enxada, depois vem a plantação, a covejação, que hoje planta de plantadeira mais antigamente era de enxada, ai começa corvejar a terra que a mandioca até hoje é plantada com enxada corvejando e depois dessa planta já tá tudo plantado.

Ai depois de um mês já começa limpar de novo aqueles matos que já nasceram às vezes dentro daquele arroz ou dentro daquela mandioca pode ser plantado tudo junto como feijão de corda, cana, jiló, abóbora, maxixe, quiabo a gente também pode jogar gergelim dentro dessa terra dessa roça que foi plantada que produz na mesma terra.

Antes não tinha nada de arroz de batedor era colhido tudo de cachinho, colhendo os cachos segurando nas mãos os cachos, os cachos de arroz cortado, depois de tudo cortado, tudo mutuado na roça, quando era a tarde a gente pega tudo leva pra dentro do rancho do barraco, do barraco que a gente tem na roça fazia uma estiva de madeira e forra palha seca e vai fazendo empilhamento das mãos de arroz, quando terminava ai a gente pegava quando terminava a colheita levava esse arroz pra casa se a gente quem quisesse as vezes tinha couro de vaca de boi costurava um couro pra encher de arroz que tratava uns fala pipa enchia de arroz para guardar.

A gente nunca ensacava o arroz ele continuava sempre na estiva mutuado as mãos de arroz quando a gente queria pegava aquele arroz colocava num couro esfregava com os pés tirava os caroços do arroz jogava o bagaço lá pro mato e pegava e colocava no sol, aí ia socar no pilão.

E hoje é assim, você planta o arroz depois quando tá de colher faz um barraco, estira a lona vai lá corta as touceiras já tudo junta mutuando, depois carregando e mutuando.

Dentro do mesmo rancho de palha e ai agora forra, depois faz uma banca e vai batendo aquele arroz já jogando a palha pra lá quando carrega da roça só carrega os grãos do arroz, o que toco das palhas já jogou pra lá.

Eu acho que aconteceu assim quando o pessoal começou ver que estava vindo aquele arroz meio pronto de fora, da cidade eles acharam mais fácil sair para trabalhar ganhar o dinheiro comprar o arroz que já está pronto e não plantar aqui. Esse negócio de ter deixado de plantar o arroz num foi tanta falta de chuva, num foi falta de lugar de plantar, não foi nada, foi o negócio que os homens acharam que se saísse para trabalhar ganhar o dinheiro comprar o arroz seria mais fácil. Mas esse não foi uma necessidade foi um descaso que o povo fez deixou hoje as pessoas não quer saber mais de plantar seu próprio arroz colher seu próprio milho, e fica comprando arribando peso e dando fora o que já vem pronto, e às vezes outra coisa que eu acho que o descaso, o que nois produzia aqui dentro não tinha veneno, ninguém plantava nada com veneno, tudo, tudo puro.

E hoje compra o de lá é reclamando mais é comprando não que planta aqui, e isso faz, mais doenças. Aqui sempre a gente começava dia 20 de outubro era o dia de começar a plantar os primeiros arrozes, sempre a gente plantava o primeiro arroz

em outubro, ou antes, ou depois contado com a colheita do arroz novo porque quando a gente fosse plantar o feijão já tinha arroz novo que limpava pra levar pra comer na planta do feijão. Aqui não existe adubo, você olhou a terra, por que aqui ninguém compra adubo e nem pega adubo no curral pra por em plantação, é a própria terra que produz esse arroz, que produz essa mandioca, esse milho, até hoje a gente não tem produto pra por em plantação aqui.

Eu acho que esse processo é assim, tem que ser relacionado a escola, o trabalho, mais ele são um processo que não são junto, por que aqui agora se vê um causo se hoje tem escola, então os pais tem de trabalhar na roça, tem que deixar os meninos estudar, por que é as duas coisas que tem de ter dentro da comunidade plantação e educação são juntos.

Olha eu acho que esse trabalho, por que tem hora que os professores traz trabalho de longe pra fazer nas escolas, por que os professores não pegar trabalho daqui da roça leva para as escolas, incentivar as crianças e que esses produtos que nós produz aqui são saudável e não precisar incentivar os homens plantar que não precisa nos sair pra comprar.

Essa roça que nos produz aqui não faz danos, por que se ossê esse ano agora faz uma roça, queima, planta destoca ela, ossê fala destoquei a roça, plantei, limpei o arroz, mas ossê planta dois anos, aí ossê vai parar de plantar, quando for com quatro anos aquele mato pode tornar roça e plantar de novo essa nossa roça aqui não faz danos. Ai as vezes muitas gente fala a aqui pro cês não ta chovendo é a desmatção que ossês desmata, derrubou um pé de pau que tinha ali, não é isso por que antigamente lugar que hoje é mato era campo, e chuvia.

Então aqui nunca existiu roça mexida com trator, tudo na própria enxada tudo no braço do homem, não tem desmatamento aqui dentro da comunidade e esse negócio que faz a roça e não é para queimar que atrapalha a chuva é menas verdade, mas dentro dessa pouca chuva que hoje chove ainda dar de plantar roça. Eles não planta mais é porque o homem achou que sair para trabalhar e ganhar o dinheiro para comprar a mercadoria é mais fácil.

Hoje em vez dos homens fazer a roça, eu também falo as mulher porque eu hoje larguei de plantar porque não guento mais. Só que tenho uma coisa que para fazer a roça tem que ter os homens na frente para fazer e a mulher ajudar. Olha aqui, deixaram achando que tá difícil e comprando na cidade, o homem acha que trabalhar e comprar o sabão e que tá fácil porque não tem chuva. Não é isso. É por que não quer trabalhar de roça mais é preciso incentivar para plantar, não deixando acabarem as sementes de antigamente que é uma maravilha e saudáveis.

Eu vejo uma coisa que me deixa preocupada hoje não existe gado mais como antigamente e as pessoas continua derrubando as matas de cultura para fazer pasto e fala que não tem matos para plantar roças e é isso.

Excerto 3: Seu Emiliano

Emiliano dos Santos Ferreira, têm 61 anos e é Kalunga desde nascença começou a trabalhar aos 8 (oitos) anos de idade, e não teve acesso à escola porque naquela época não tinha escola. Aos 16 anos perdeu seu pai e começou a viver sozinho aí vem a sua experiência. Seu Emiliano relata que existe vários tipos de produtos que ainda são cultivados mais principalmente a mandioca, e o processo de produção é meio prolongado a partir que a roça estiver preparada, que se chama roça de toco, você planta a mandioca assim que ela estiver no mato limpa, ou seja, capina, no mínimo ela pede enxada duas três vez no ano facilitando até para arrancar. Depois de uns 9(nove) mês já pode começar a farinha a fazer farinha, mas ela só vai estar boa para farinha a partir de um ano. Aí começa o detalho até chegar na farinha, pega a mandioca arranca ela leva para casa, descasca, depois lava aí vem a relada, depois prensa essa massa no tipiti, coa ela, depois joga no forno torra e ensaca e está pronta para o consumo ou venda.

O preparo do solo é orgânico natural não existe nenhum tipo de produto químico a cinza da queimada é adubo para as plantas, ou seja, o mato que cresce entre as plantas você capina e jogam os matos as folhas da mandioca que corta no e coloca nos pés das plantas servindo de adubo e alimento para planta.

A interferência do capital é principalmente o comércio que hoje se encontra mais fácil o acesso até a cidade os programas de governo com: bolsa família, salário aposentadoria, salário maternidade, cesta básica que em vez do governo buscar saída para os produtores plantar sua roça eles já dão tudo pronto. Porque no governo do Lula ele disse que não ia dar o peixe mas sim o anzol para ensinar pescar é isso que nois aqui queremos é ajuda para nós permanecer plantando em vez dar uma cesta de uma enxada e o apoio.

Para se relacionar o meio de produção com a educação é preciso você plantar sem degradar o meio ambiente, respeitando as nascentes, os animais que come de sua produção como: animais silvestre você precisa respeitar porque são tudo da natureza. É preciso também respeitar onde a roça é plantada durante uns três anos teremos que abandonar ela para que daí uns 10 (dez) anos podemos plantar de novo que o mato já cresceu, mas se você demorar plantando a recuperação é demorada pois as raízes apodrece toda aí a recuperação torna mais difíceis porque ela vai começar das sementes que caia

naquele lugar.

Seu Emiliano relata que fica muito triste de ver as pessoas na comunidade vendendo 1 (um) frango caipira para comprar dois de granja porque é mais baratos pois eles não vê a qualidade que os da comunidade é natural e os da cidades é químicos, ai quando você conscientiza, eles dizem que está economizando não sabendo eles que está economizando dinheiro e estourando a saúde. Você já pensou um frango caipira, um ovo caipira um copo de leite tirado da vaca, natural para você comprar leite de caixinha que não sabe de onde vem quais processo foi passado esse leite é leite mas você não sabe leite de que.

Excerto 4: Dona Vanderleia

Eu sou Vanderleia dos Santos Rosa, Quilombola Kalunga da comunidade Vão de Almas, sou remanescente quilombola e meus pais vivem até hoje nessa comunidade. Iniciei o trabalho com a agricultura familiar desde 10(dez) ou 12 (doze) anos de idade.

Os produtos que ainda são cultivados o arroz principalmente a mandioca, o milho e em alguns lugares o feijão.

O processo inicialmente é a técnica manual, onde os produtores iniciam com a roçada depois a derruba aí vem a queimada que as pessoas têm o hábito de queimar todas as folhagens que é preciso ser mais bem orientadas e depois o plantio com plantadeira ou enxada, hoje na comunidade se planta com plantadeira, mas antes era com enxada.

A interferência do capital não tem como dizer que não tem desde o momento que saiu as renda o bolsa família, o salário escola, o pessoal acabava adquirindo essa pequena renda e acabavam deixando de plantar algumas coisas e acabavam comprando na cidade como: arroz, feijão. Essa interferência ela se deu mesmo com introdução pelo programa de governo que porque se não tivesse a renda para comprar alguns produtos com certeza talvez fosse passar até necessidade porque talvez tá comprando na cidade porque o produto lá na roça não ganhou. Porque hoje já temos problema com a chuva e aí se planta o arroz e perde ou vai comer a farinha da mandioca como era antigamente, ou se tiver a renda vai comprar o arroz e outros como: o óleo o feijão que antes não comprava já compra hoje, frutas e verduras esses foi um dos meios da introdução do capital.

O mês que inicia a produção hoje em dia tá variando muito porque o pessoal tá avaliando o período chuvoso que a cada ano muda. Mais antes era normalmente no início de outubro para o começo de novembro no máximo até fevereiro, mas, hoje em dia já muda, tem mês que chove menos, outro chove mais, observando o ciclo chuvoso que a cada ano vem mudando.

Hoje na comunidade ainda não existe adubação por o processo de produção ainda ser manual ainda dificulta muito o processo de adubação, portanto não há ainda não existe a não ser o natural mesmo.

Para relacionar a produção com a educação a princípio e perceber a questão da proteção e a conservação ambiental que isso o produtor tem que se dar conta que é preciso conservar o meio ambiente, não roçando muito. Isso a gente não pode reclamar que a comunidade quilombola tem conservado à medida que eles só planta aquilo que vai servir para sua própria subsistência. Eles não faz grandes lavoura para desmatar terras que não vai ser utilizada né? Aí eles também tem o processo de educação com a produção na comunidade, com a proteção a produção elas vem relacionadas desde os mais velhos.

Eu não sei se eles percebem isso, mais agente hoje avalia que tinha povos muito bem que tem essa interação da produção com a educação, principalmente a educação ambiental, de não produzir em uma muito grande pensando na conservação das matas, dos rios e do próprio cerrado.Com certeza a técnica roça de toco ela degrada menos, porque embora corta as arvores mais as raízes tá introduzida no solo, sendo assim mais firmes e as raízes não vai haver o assoreamento do solo. Com certeza a roça de toco ela vai proteger e conservar mais o meio ambiente.

A educação do campo ela vem com o objetivo de formar não só um educador não só um pesquisador, mas que esse educando se saia com uma educação humana, ele é capaz de contribuir com todo o processo como: solidário, formativo na escola, na comunidade. É dessa forma que ela vai contribuir de articular com as organizações, com a comunidade no gera. É isso que a educação contribui para formação humana principalmente.

Para nos manter plantando nesse processo manual da produção, a gente escuta dizer que é muito sofrido, que tudo no braço, que hoje tem várias técnica que pode substituir o manual né? No meu ponto de vista, a continuidade dessas técnicas realmente ela merece prêmios dos governos, porque tem muitos projetos e programas de conservação de parque, que pode premiar a agricultores que realmente usa essa técnica né? Que nessa técnica tá visto ali a conservação e a proteção do meio ambiente.

Surgindo uma premiação para esses produtores que querem continuar, porque na verdade, no avanço da tecnologia,

agente ver é isso se acabar, porque é muito mais fácil um produtor pagar 1ou 2 horas de trator que é mais fácil. Mas se a gente tiver ali uma compensação não por nos tá plantando para alimentar, mas por estar plantando de uma forma que vai conservar o meio ambiente, é provável que ainda continue por mais tempo esse tipo de técnica.

Excerto 5: Seu Camilo

Meu nome é Camilo dos Santos Rosa, tenho 57 anos de idade e comecei a trabalhar com 10 (dez) anos de idade, mais meu tio, ali eu comecei minha vida porque foi criado sem mãe e sem pai sendo, criado pelo tio e a lida com a roça tudo que fazia era tudo meu, me ajudando.

Existiam naquela época vários produtos que eram cultivados, mas hoje em dia é o milho, feijão, a mandioca e o gengerlin. Esse processo começa com a roçada usando a foice, depois disso vem a derruba das arvores grandes com o machado, aí deixa passar uns 20 (vinte) dias, queima a roça e depois que queima a gente vai esperar a chuva, que sem a chuva não pode cultivar porque terra tá seca e sendo assim não tem como trabalhar.

Depois que a chuva começa a chover, engarrancha a roça, encoivara os toquinho que ficou sem queimar e queimando, daí já começa a capinar com a enxada. Depois de capinado apanha o cisco e está pronta para plantar. Antigamente era de enxada, mas as coisas vão mudando, a tecnologia avança também, e hoje é plantado de plantadeira é uns plantando e outros tampando as covas com os pés.

Depois dessa roça plantada vai vigiar os panco-panco que é um pássaro que cata cova por cova comendo o arroz dentro da terra, ciscando igual galinha. Quando o arroz tem ali de 15 a 20 dias aí já não ranca o arroz mais, agora é tempo de cuidar na cerca que senão o gado, cavalo vai comer a plantação. É tempo que termina a cerca, já tem um mês do arroz plantado nesse caso já tá na hora de limpar o arroz porque já tem muito mato.

Depois de limpo já pode plantar a mandioca dentro, só basta ver se a Lua tá para plantio, porque a lua boa para plantar mandioca é na cheia, nós tem aquela simpatia que plantar na Lua cheia ela dá mais raiz, ela cresce mais, engrosse mais, isso vem dos mais velhos. Plantou a mandioca vamos esperar um tempinho para ela crescer. É hora de limpar o arroz de novo, dependendo da terra você vai dar duas limpas no arroz, que é uma limpa quando ele tá pequeno, e outra quando tá começando embarrigar já soltando os cachos. Quando ele soltar os cachos todos, já é tempo da vigia de novo espantando os periquitos se não vigiar os periquitos come ele todinho. Uma coisa que mudou, que antigamente quem vigiava era os meninos, mais hoje por causa das escolas os meninos não vigiam mais, é os pais que vigia. E para tanger eles melhor, nós fazem bodoque, funda para jogar pedra, porque gritar eles não liga não.

Vão vigiando até o arroz amadurecer é tempo de fazer o batedor para poder colher o arroz. Forra uma lona por baixo para não dar pedra no arroz e começa a cortar o arroz. Antigamente era cortado de cachinho, caixo por caixo, mashoje as pessoas não quer apanhar assim mais não, é muito custoso, agora é só debatedor, bate esse arroz sopra no quibano coloca no sol uns dois dias e ensaca antes era estiva hoje é saco.

O que estão fazendo as pessoas comprar na cidade, mas por que a chuva não tão mais chovendo as pessoas planta tão perdendo o que faz vira em nada, aí para alimentar eles tem que partir para comprar e viver do mercado, sabendo que não é bom e que os produtos não são de boas qualidades, sendo eles industrializados, mas agente antigamente viviam das roças, só dependiam era do sal, o resto era produzido tudo na roça, tudo natural.

O certo das pessoas plantarem são outubro e novembro quando a chuva chove na base certa, outubro e novembro é a planta do milho, dezembro é a planta do arroz e mandioca. E o adubo utilizado é afolha do mato que capina, adubo químico não usamos não.

Podemos nos relacionar as produções dessa forma as beiras dos rios. Nós têm que respeitar, se não fizer isso, nós mesmo que serão prejudicados porque, as nascentes vão secar iguais tão secando, se deixar as beiras do rio sem mato aí a água não resiste porque não tem nada que protege a água. Pois a roça de toco, ou seja, pousio para voltar o normal ou que seja para recuperar ou para fazer roça novamente, vai depender do tempo que você cultiva ela. Se for só um ano você daí quatro você pode fazer roça novamente, mas, se terra for boa e você prolonga uns 17 anos plantando, as raízes acabam tudo e só fica o mato rasteiro e as árvores maior acabam tudo.

A partir da pesquisa realizada, foi possível perceber que há certa preocupação e resistência entre os entrevistados no sentido de não querer perder sua cultura e seus modos de produzir alimentos. Portanto, reclamam da falta de chuva que vem mudando de estação dificultando o modo de produção na comunidade, e que as pessoas estão deixando de plantar e comprar na cidade pois o custo de vida é menor.

Em seus relatos, os entrevistados apresentam como um problema, o fato de que, comprando o alimento na cidade, existe um risco para população em geral, ao deixar de plantar suas lavouras com sementes crioulas natural do lugar, trocando por alimentos transgênicos da cidade oferecendo, comprometendo a saúde da comunidade, pois antes de acontecer essa substituição de alimentos, não tinha muitas doenças, pois tudo que comiam era natural. Por outro lado, os participantes entrevistados reclamam da falta de apoio governamental em políticas públicas voltada para atender às demandas da própria comunidade. Pudemos também perceber que a comunidade ainda continua plantando frequentemente a mandioca para fazer farinha, tanto para o consumo quanto para vender.

Nos relatos os participantes da pesquisa afirmaram que naquele tempo, quando a comunidade plantava as roças, eles respeitavam as margens dos rios, mas hoje não é bem assim, eles derrubam todas as árvores da beira dos rios, e que não tem mais educação com a natureza como antigamente. Mostram também grande preocupação na educação dos filhos com uma seguinte questão; porque não levar para dentro da sala de aula os produtos naturais produzidos

aqui mesmo para mostrar para eles que os produtos produzidos aqui na nossa comunidade são os naturais e os que vêm da cidade é químico? Ademais, a comunidade quer uma educação que use seus próprios produtos, e que não precisa trazer coisas da cidade para eles compreenderem o mundo, pois precisam conhecer seu próprio mundo para, a partir daí, conhecer e valorizar o mundo em que nasceram e vivem.

5.2. Técnicas, manejo e equipamentos: a prática tradicional da agricultura na Comunidade Kalunga Vão de Almas

Atualmente na comunidade Kalunga Vão de Almas, encontra-se dentro de suas técnicas a roça de toco, pousio ou coivara, conforme os participantes da pesquisa, que falaram das roçadas e encoivaramentos dos garranchos. Então é importante entender o que são técnicas, manejo e equipamentos na produção agrícola tradicional.

Conforme Ricardo Fernandes et alii, *apud* Adams (2000), a tecnologia agrícola empregada nas roças Kalunga é a agricultura itinerante de corte e queima, regionalmente conhecida como roça de toco, pousio ou coivara. Essa técnica remete a um conhecimento indígena milenar, que foi assimilado pelas populações remanescentes durante o período da colonização. Ela consiste na derrubada e queima da vegetação, seguido de um período de cultivo que acarreta no declínio da fertilidade do solo, seguido de um período de pousio para a recuperação da fertilidade (SIMINSKI e FANTINI, 2007).

Como ficou claro na fala dos participantes da pesquisa, no Vão de Almas quando chega o mês

de julho é hora de fazer a roçada. A partir desse momento há um mês de prazo para os matos mais finos secarem. Em agosto é feita a derrubada das

árvores mais grossas. Afigura 3 a seguir mostra esse momento.

Fig. 3. Derrubada das árvores para fazer a roça.



Fonte: Romes dos Santos Rosa (2015).

No mês de setembro acontece a queima da roça. Depois da roça queimada, faz-se a encoivaração dos garranchos que restou sem queima. Após apanhar os garranchos, vem a cerca de arame ou de madeira fechando a roça, e então está pronta para fazer todo o plantio, neste momento às sementes crioulas já estão selecionadas para a realização do plantio. Todavia, para que isso ocorra, ainda faltam alguns procedimentos, dentre estes se deve aguardar o início das chuvas, e a fase da lua.

Conforme a fala de um dos nossos entrevistados, é costume plantar na Lua na Lua Cheia e também na Lua Crescente, mas em hipótese alguma se planta na lua nova, ou corta-se madeira para fazer cerca ou construir casas, pois os cupins comem o arroz antes de nascer, e se for madeira o caruncho come. Estes conhecimentos empíricos

são importantes para as pessoas da comunidade, é através deles que conseguimos manter nossa cultura e fortalecermos nossa identidade.

Quando as primeiras chuvas caem e está em uma lua favorável, inicia-se o plantio. A família inteira trabalha, os homens capinam e abrem as covas ou leiras (buraco no chão); as mulheres e meninos jogam a semente e tapam com os pés. Isso acontece no plantio de feijão e arroz. Os produtos alimentícios cultivados nesta comunidade são: mandioca, algodão, gergelim, milho, arroz, abóbora, hortas, feijão de corda, feijão de arranca, melancia, abacaxi, banana, caju, laranja, lima, limão, maracujá, jenipapo, açafraão, quiabo, jiló, batata doce, inhame, amendoim, fumo(tabaco). A seguir apresentamos a imagens que retratam a produção da farinha de mandioca, uma prática que é ainda é muito utilizada no Vão de Almas.

Fig. 3. Derrubada das árvores para fazer a roça.



Fonte: Romes dos Santos Rosa (2015).

Além da produção de alimentos, existem também plantas medicinais que as pessoas plantam no seu quintal como: hortelãzinho, hortelã, setedor, saúde das mulheres, quebra pedra, batatão, velão, carapiá, assa peixe, boldo, mastruz, folha santa, capim santo, mentrasto, erva doce, folha de andu, chapada, quina, imburana, capim de cheiro, erva cideira, babosa, gervão, vinagreira, arruda, mulatinha, anador (planta), dipirona (planta), dentre outras.

Como podemos perceber, a agricultura familiar produzida pela comunidade, não se limita somente à produção de comida. Eles também se preocupam em cultivar ervas medicinais para auxiliar no

combate às doenças mais comum que acomete principalmente crianças e pessoas mais velhas. Essa é uma atividade importante e, conforme evidenciou a fala de alguns entrevistados, deve ser levada para a escola. Para que a educação seja contextualizada com a realidade da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se efetivou mediante a realização de uma pesquisa que buscou entender o modo de produção da comunidade Kalunga Vão das Almas, desde os tempos passados, até os dias de hoje. Com efeito, há mais de 300 anos a comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas vem praticando a agricultura familiar. Porém, vem acontecendo algumas mudanças causando defasagem no plantio. Ademais, foi por perceber que os plantios na localidade vinham se perdendo, que me despertou o interesse de buscar entender o porquê de tudo isso, fazendo pesquisa com as pessoas mais velhas e lideranças da comunidade.

A pesquisa possibilitou perceber que existem várias dificuldades para que a comunidade permaneça cultivando a terra. Uma delas é a falta de chuva no período, pois a chuva vem mudando de estação. Outra é porque é mais fácil comprar os mantimentos na cidade, por medo de perder suas lavouras e o custo ser maior para os agricultores. Portanto as pessoas não têm apoio políticos nem acesso às políticas públicas voltadas para comunidade, que possam nos amparar com máquinas para fazer o plantio com menos trabalho.

Outra questão é a influência gerada pelo comércio que chega às comunidades, fazendo com que as pessoas deixem de fazer seus plantios

e acabam comprando produtos industrializados, e ao mesmo tempo em que vão perdendo suas origens e deixando de praticar a Agricultura Familiar, e suas sementes crioulas vão sendo trocadas por sementes modificadas vendidas no comércio. Isso me causou uma inquietação, pois eu sou um sujeito do campo, mas que estuda fora da comunidade, fazendo um curso em uma Licenciatura em Educação do Campo, o qual se apresenta com uma visão crítica sobre o modelo agrícola, o qual é de interesse capitalista, atingindo também as comunidades camponesas, tal qual o Vão de Almas.

Nesse sentido, buscamos entender o passado

dos agricultores, fazendo levantamento das problemáticas do por que não plantar mais, e também como dar continuidade sem viver a mesma história de descaso, tendo apoio e parcerias com várias entidades que trabalham e conceitua como ponto positivo a agricultura familiar. Percebemos, então, a falta de apoio para as escolas, para com a vida do povo no campo, suas culturas, crenças, costumes, seus saberes e fazeres. Ai mesmo tempo em que momento o empoderamento do capital nas escolas do campo e a desterritorialização dos camponeses, que migram para a cidade na busca de uma vida menos sacrificada do a que seus antepassados tiveram.

REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (Org.) **KALUNGA: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga Povo da Terra**. Brasília, – Ministério daJustiça/UNESCO/ 1982 SEPPIR-FUBRA.

BRASIL. **Levantamento Sócio Econômico e cultural quilombola Klaunga**. UnB. Brasília. 2004.

CALDART. Roseli Salete et al. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete (org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares, **Campesinato autônomo** – uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. Revista Lutas & Resistências, número 1, pg. 146-162, UEL/ Gepal,Londrina, setembro de 2006.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Contexto atual da correlação de força e lutas sociais no Campo**. Curitiba, 2004, mimeo.

CRESWELL. John, W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo.S.V.

Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano, **Agronegócio e Reforma**. http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/AgronegocioeReformaAgraria_Bernardo.pdf. Acesso em 26 de maio de 2015.

MARTÍNEZ, Soares, **Economia Política**, 8ª ed., Coimbra: Almedina, 1998, pp. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2007.

MICHELLOTI, Fernando José Bittencourt da Silva et. all. In: Mônica Molina: **Educação do Campo**. Brasília, 2010.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**, Editora Best Seller, 1999. "Fatores de produção", p. 235. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_prod. Acesso: 21-jan-2016.

STÉDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins. Soberania alimentar. p. 718. In Caldart, Roseli Salete(org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.